

APONTAMENTOS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DO “SER TORCEDORA” DO SPORT CLUB SÃO PAULO

GRAD. DAIANE GRILLO MARTINS

Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, Universidade Federal do Rio Grande
(Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil)
E-mail: daia.martins82@gmail.com

MS. RAQUEL DA SILVEIRA

Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande; Programa de Pós-graduação
em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil)
E-mail: raqfurg@gmail.com

MS. GUSTAVO DA SILVA FREITAS

Instituto de Educação; Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande
(Rio Grande - Rio Grande do Sul - Brasil)
E-mail: gsf_78ef@hotmail.com

RESUMO

Situada na relação entre futebol e gênero esta pesquisa foi realizada junto às mulheres torcedoras que frequentam o Estádio Aldo Dapuzzo, do Sport Club São Paulo, localizada na cidade do Rio Grande/RS. Os objetivos foram compreender as suas formas de torcer e identificar como se relacionam com o clube e o futebol. Para tal, utilizamos a etnografia, sendo realizadas observações participantes e entrevistas. A partir da análise dos dados foi possível constatar que cada torcedora possui a sua forma de torcer e exteriorizar suas emoções, provenientes da relação intensa que possuem com o jogo, com o clube e com o futebol. Elas estão no estádio porque gostam de futebol, nutrem sentimentos de pertencimento clubístico e fazem desse universo um aspecto relevante às suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; mulheres; torcedoras; Sport Club São Paulo.

INTRODUÇÃO

Partindo do fato de que as sociedades ocidentais passaram por um processo civilizatório, os esportes surgem como mecanismos de produção de tensões, de excitabilidade. Isso porque, é no ambiente esportivo que será permitido ao homem extravasar suas emoções, as quais são contidas e restritas em outros ambientes sociais, sob pena de ameaçar o bom funcionamento de uma sociedade civilizada. Entretanto, não é só através da prática que o esporte se consolida. O ato de assistir, de presenciar uma prática, também pode ser considerado uma forma de vivenciar o esporte, de produzir as tensões e, conforme Elias e Dunning (1992), de buscar excitação.

Na sociedade brasileira, os esportes, de modo geral e principalmente o futebol, possuem grande visibilidade social, já que “apresenta uma incrível capacidade de atrair um grande número de indivíduos com gestos e estilos de vida tão variados (classes, gêneros, etnias, geracionalidade)” (JAHNECKA, 2010, p. 67). Pode-se dizer então, que o Brasil é um país em que a prática do futebol é bastante difundida, em que os meninos, mesmo antes de nascer já são presenteados com uma roupa de seu futuro time e tem quase sempre, como parte integrante de seus brinquedos, uma bola de futebol. Assim esse esporte caracteriza-se como requisito primordial à cultura masculina, desde que são crianças, ou até mesmo antes de nascerem.

É proposital que até o momento sejam citados homens e meninos, pois foi nessa perspectiva que os esportes se consolidaram: em sociedades patriarcais, em que essas práticas corporais foram criadas por homens e para homens. Desse modo, as mulheres tiveram que conquistar seu espaço nesses ambientes, pois segundo Goellner (2003), o público feminino conseguiu maior visibilidade a partir das décadas iniciais do século XX. A ocupação dos espaços esportivos, pelas mulheres, ocorreu, mesmo que constituído por um processo lento, uma vez que, ainda para Goellner (2003), o que é instituído por nossa cultura também está sujeito às transgressões e resistências.

Nesse contexto, focando especificamente nos espaços esportivos destinados à prática do futebol, esse trabalho dedica-se à investigação sobre as torcedoras em estádios, pois é notório que elas estão presentes nesses locais. Além disso,

[...] as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados (COSTA, 2006, p. 1).

Nessa perspectiva, realizamos uma investigação com o objetivo de compreender as formas de torcer de mulheres frequentadoras do Estádio Aldo Dapuzzo, do

Sport Club São Paulo, e identificar como se relacionam com o clube e o futebol. O Sport Club São Paulo, localizado na cidade do Rio Grande- RS, foi oficialmente fundado em 4 de outubro de 1908, por proletários descendentes de imigrantes portugueses, italianos e poloneses que pretendiam praticar o futebol. Hoje, o clube configura-se com um elenco de futebol masculino que possui destaque dentro do contexto social riograndino, e que no período em que se realizou essa pesquisa, disputou a divisão de acesso¹ da Federação Gaúcha de Futebol (primeiro semestre do ano de 2012), assim como a Copa Laci Ughini² (segundo semestre do ano de 2011).

Já o estádio Aldo Dapuzzo, que recebe o nome de um patrono do clube, é considerado um dos estádios mais antigos e tradicionais do Rio Grande do Sul, possuindo capacidade para aproximadamente 10.000 pessoas e, desde o ano de 1997, é reconhecido como patrimônio cultural da cidade.

A MULHER NO UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO

Buscando ampliar o olhar sobre a inserção das mulheres no universo esportivo, pode-se considerar que esse acontecimento constitui-se como relevante às conquistas de direitos e participação em espaços sociais, que até então, não eram 'concedidos' a elas, pois, conforme Lucena (2001) é através do esporte que as mulheres começam a "descobrir o espaço da rua e das praças e é, sem dúvida, no âmbito dos passatempos desportivizados que ela vai fincar suas raízes para além dos parapeitos das janelas" (LUCENA, 2001, p.112). Tal perspectiva também é considerada por Mazo, Silva e Lyra (2010), referindo-se à inserção da mulher porto-alegrense nos ambientes esportivos, considerando que "no início do século XX, as mulheres começaram a alargar suas fronteiras de identidade em relação aos homens, tendo no esporte um dos meios para produzir novos reconhecimentos" (MAZO; SILVA; LYRA, 2010, p.4).

Esse modelo de sociedade também é elucidado por Lucena (2001), ao referir-se sobre a construção histórica do esporte no Brasil que se constituiu "centrada na figura do homem como lado forte e verdadeiro pilar de sustentação social,

1. A Federação Gaúcha de Futebol (FGF) preparou, para o 1º semestre do ano de 2012, as suas competições classificando-as em Segunda divisão; Divisão de Acesso e Gaúcho. As equipes que disputam a Segunda Divisão disputam vaga à Divisão de Acesso, e as que se encontram nessa divisão procuram classificação para o Gaúcho, que pode ser considerada a 1ª divisão da competição gaúcha. Informações sobre tais competições, disponíveis em < <http://fgf.com.br> >. Acesso em 27 de setembro de 2012.

2. Para o segundo semestre de 2011, a Federação Gaúcha de Futebol organizou a Copa Dra. Laci Ughini, que possui a participação de times da capital e do interior, que disputam a primeira e a segunda divisão do Campeonato Gaúcho. O Sport Club São Paulo aceitou o convite para a participação, tendo a melhor campanha da primeira fase, recebendo a taça Emerson Vieira, mas desclassificado na fase de quartas-de-final.

superior à mulher, o lado fraco e quando muito apenas belo” (LUCENA, 2001, p. 104). Assim, homens e mulheres ocupavam funções e espaços sociais distintos, já que, nessa perspectiva, conforme Soares (2006):

A sociedade em que vivemos se caracteriza por relações de dominação, e nela a sexualidade, atitudes, comportamentos e sujeitos específicos são designados a partir do sexo primordial, o do homem. O regime masculino, que se estabeleceu ao longo dos tempos vem ditando a posição e os papéis de homens e mulheres, cujos valores e padrões de comportamento, também, são legitimados e consagrados socialmente (2006, p.63).

Portanto, foi sob a ótica das transgressões e das reivindicações feministas que as mulheres, mesmo que em números menores em relação aos homens, conseguiram conquistar seu espaço no ambiente esportivo, seja nas arquibancadas ou na prática efetiva das atividades. Desse modo, considerando a configuração atual do universo esportivo, no que diz respeito às questões de gênero, “se por um lado estudar o esporte significa adentrar as mazelas de um universo originalmente masculino; por outro, significa a possibilidade de tornar inteligíveis as tensões, lutas e reivindicações femininas para a sua participação neste contexto” (MAZO; SILVA; LYRA, 2010, p. 3-4).

Partindo dessas considerações e procurando fazer uma contextualização histórica sobre as torcedoras de futebol no Brasil, pode-se dizer que quando a prática do futebol perde sua fidalguia, muitas mulheres são proibidas e desestimuladas a frequentar os espaços futebolísticos, enquanto público apreciador dessa prática, até então, exclusivamente masculina (COSTA, 2006). Portanto, “a assistência não está mais exclusiva aos homens e mulheres da elite, os outros extratos da população também passaram a frequentar esse espaço de lazer, com a finalidade de torcer pelo time ao qual pertencem” (CAMPOS, 2010, p. 30). Assim, a popularização dessa prática pode ser considerada fator fundamental na redução da participação das mulheres nos espaços futebolísticos.

Contudo, até a década de 1980³, mesmo que em números reduzidos, algumas mulheres conseguem ocupar posições de destaques na torcida por seus clubes de coração. Isso porque, através da popularização do futebol, nas décadas de 1940 e 1950, “a figura do torcedor é consolidada como elemento indissociável do futebol” (COSTA, 2006, p. 5). Daí então, algumas mulheres se destacavam nesse universo predominantemente masculino, compartilhando sentimentos de

3. Costa (2006) menciona que nos anos seguintes a 1980, estudos apontam para a redução da presença de torcedoras nos estádios. Esse fato poderia ter relação com o aumento da violência decorrente das torcidas organizadas, que se assumiam como características dos estádios de futebol nesse período.

pertencimento “clubístico”, numa época em que, conforme Costa (2006) “o ideal de torcedor costumava ser encarnado pela figura do torcedor-símbolo cuja imagem representava espontaneidade e amor incondicional ao clube de coração” (2006, p. 5). Nesse contexto, essas torcedoras específicas⁴ assumiam o caráter de ‘torcedor-símbolo’, ocupando lugar de destaque e prestígio entre os torcedores.

Todavia, através da vigilância que há de meados dos anos 2000 em diante a respeito da violência em estádios, por parte dos clubes e autoridades, é perceptível que as mulheres frequentam os espaços do futebol em dias de jogos, sendo diversos os fatores sociais que contribuem para a sua presença nos estádios. Esses aspectos podem abarcar desde os acontecimentos que perpassam os movimentos feministas sobre igualdade de gênero até os anseios de geração de lucro do esporte moderno que procura abranger públicos diversos. Com isso, entendemos que a mulher deixou de ser uma exceção, uma figura ‘singular’ nos estádios de futebol para se tornar parte integrante da torcida, procurando legitimar sua ‘identidade torcedora’¹⁵ nesse universo esportivo.

SOBRE O TORCER

Procurando compreender as manifestações dos torcedores⁶ através da crescente identificação desses com o clube, temos como referência ao ato de torcer o sentimento de pertencimento, em que a lógica pertinente é de que “pertencer a um clube significa ser leal a ele” (DAMO, 2002, p. 9). Isso levando em consideração que essas ações acontecem “de acordo com a importância e o significado assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor” (DAMO, 2002, p. 12). Trataremos o torcer, portanto, a partir da ligação emocional, do sentimento de pertencimento, ou ainda “da simples aproximação momentânea com o clube”

4. Costa (2006) cita duas torcedoras-símbolo de destaque em clubes das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro: Elisa, que na década de 1940 “destacava-se na massa torcedora, daí o prêmio de torcedora n°. 1 do Corinthians, chegando a ganhar ingresso permanente da Federação Paulista de Futebol” (2006, p.5) e também Dulce Rosalina, primeira mulher a se tornar líder de uma torcida organizada “que em 1961 ganhou o concurso de melhor torcedor do país e cujo troféu deu ao seu time de coração Vasco da Gama, a quem costumava acompanhar em partidas pelo Rio de Janeiro afora” (2006, p. 6).

5. Stuart Hall (2005) considera que na pós-modernidade um indivíduo “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (2005, p. 13). Isso ocorre pelas inserções nos diferentes contextos aos quais os sujeitos encontram-se na sociedade atual. Assim, os indivíduos caracterizam-se não por uma identidade, mas por “várias identidades” (2005, p. 12).

6. Nesse tópico, ao utilizar a expressão ‘torcedores’, incluímos nesse grupo homens e mulheres que se caracterizam pelo torcer, sem que haja a distinção entre gêneros. Portanto, nesse momento, nos encontramos amparados pelas normas de linguagem sexistas, que definem o coletivo a partir do sexo masculino. Não que estejamos nos posicionando a favor disso, mas apenas procurando estabelecer um diálogo de linguagem compatível com os autores, que assim se remetem a quem torce: os torcedores.

(JAHNECKA, 2010, p. 52). Esse último tipo de ligação, caracterizado pelas aproximações momentâneas, não torna esses sujeitos menos torcedores, apenas revelam uma forma de pertencimento mais distanciada e que, portanto, deve ser considerada.

Nessa perspectiva, uma das primeiras ações de um torcedor refere-se à escolha clubística. Bandeira (2009), por exemplo, identificou que para uma criança nascida na cidade de Porto Alegre/RS, “antes de pensar em estádio de futebol, é necessário decidir qual dos dois estádios será frequentado: o Estádio Olímpico, do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense ou o Estádio Beira Rio, do Sport Club Internacional” (2009, p. 13). Essa questão, tratada pelo autor como uma questão de escolha “‘urgente’, e que se pretende ‘definitiva’” (2009, p. 14) revela que o ato de torcer está intrínseco à escolha do clube ao qual o sujeito contemplará o seu torcer. Portanto, no universo futebolístico, gostar de futebol não é o bastante, é imprescindível torcer para determinado clube ou time. Pode-se dizer ainda que

[...] o ato de se dizer torcedor de um clube de futebol é uma das poucas situações em que a referência de permanência **ser** não foi abalada. No futebol continuamos a nos definir como: sou Flamengo, sou Corinthians, sou Grêmio, sou Internacional, sou Xavante. Essa escolha é tão significativa que se por algum motivo houver troca de opção, o torcedor receberia logo o rótulo de traidor, de “vira-casaca” (JAHNECKA, 2010, p. 51-52).

Nesse contexto, essa investigação se projeta a partir de dois entendimentos norteadores sobre as manifestações torcedoras: o ‘sentir-se torcedor’ e o ‘sentir do torcedor’. Quanto ao sentir-se torcedor, entendemos como uma característica que ultrapassa a barreira das arquibancadas dos estádios em dias de jogos de futebol-espetáculo. Isso porque o ato de torcer, protagonizado pela interação torcedor/clube agrega significados individuais e grupais que implicam nas identidades dos sujeitos e nas suas relações sociais. Dessa forma, o indivíduo que se sente torcedor, que se identifica com determinado clube, que se sente pertencente a ele, atrela às suas identidades a característica ‘ser torcedor’.

Então, partindo do sentir-se torcedor, se revela o sentir do torcedor. Tal denominação diz respeito aos aspectos emocionais dessa parcela específica de sujeitos que se envolvem no universo esportivo, na busca pela excitação. Assim, movidos por laços afetivos, a relação do torcedor com seu clube movimentava sentimentos de alegria, orgulho, decepção, fúria, ódio, entre outros. Entendemos o sentir-se torcedor como uma característica comum a uma significativa parcela dos indivíduos na sociedade atual, e esses como seres de “carne, de nervos e de sentidos”⁷

7. Essa expressão é utilizada por Wacquant (2002), ao realizar um trabalho etnográfico inserido numa academia de boxe de um bairro negro da cidade de Chicago, nos Estados Unidos. O autor, ao referir-se sobre seus pesquisados

(WACQUANT, 2002, p. 11), que constantemente produzem ações motivadas por suas emoções. Essas ações são aqui tratadas, como as manifestações provenientes do sentir do torcedor.

METODOLOGIA

Na compreensão sobre uma metodologia de pesquisa mais adequada a essa investigação, procuramos focar especificamente na etnografia. Essa metodologia qualitativa, entendida como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30), é utilizada “para estudar questões ou comportamentos que ainda não são claramente compreendidos” (ANGROSINO, 2009, p. 36). Tal metodologia de pesquisa caracteriza-se por ser

[...] um composto de técnicas e procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 9).

No processo de produção do conhecimento etnográfico, constituem-se determinadas ações indispensáveis à construção do saber, o que Oliveira (2006) denomina por “etapas de apreensão dos fenômenos sociais” (2006, p. 18). São elas: “o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever*” (2006, p. 18). Essas ações cognitivas são indissociáveis à interpretação dos sistemas simbólicos que constituem a rede de interações da comunidade que está sendo pesquisada.

No caso desta pesquisa, realizamos⁸ observações, diários de campo e entrevistas semi-estruturadas com as torcedoras que frequentam o Aldo Dapuzzo. O percurso etnográfico teve início no segundo semestre de 2011, durante a realização da Copa Laci Ughini. No total, o trabalho de campo foi realizado durante 15 jogos do time do Sport Club São Paulo, dentro de seu estádio.

Para trilhar o caminho da pesquisa foram traçados os seguintes objetivos: 1) mapeamento do estádio, visando principalmente os locais de acesso à torcida para assistir aos jogos; 2) observações em espaços diversos reservados aos/as torcedores/as; 3) identificação de mulheres na torcida; 4) identificação de mulheres agrupadas⁹.

como seres de carne, de nervos e de sentidos, pretende ressaltar as suas características enquanto seres humanos, e, portanto, passivos de sentimentos.

8. Apesar de estarmos utilizando nesse momento do texto na primeira pessoa do plural, para manter uma coerência linguística, o trabalho de campo foi realizado especificamente pela primeira autora deste artigo.
9. A investigação entre um grupo de mulheres facilita o andamento dessa pesquisa, pois assim conseguimos acompanhar essas torcedoras com mais frequência, já que esse processo ocorre durante a realização dos jogos.

Tendo em vista que o espaço mais acessado pela torcida do São Paulo são as arquibancadas, e ainda que alguns/as torcedores/as ficam alocados/as próximos/as às grades que cercam o campo, foram esquematizadas linhas imaginárias que dividem os espaços das arquibancadas em núcleos, os quais abordam o que aqui chamaremos de 'setores', assim distribuídos: a) núcleo das sociais (setor II): local coberto, composto por cadeiras destinado aos/às sócios/as do clube; b) núcleo perpendicular às sociais (setor I e III): espaço coberto, localizados à direita (setor I) e esquerda (setor III) das sociais, composto por arquibancadas; c) núcleo da charanga (setor VI): local em que se encontram os torcedores e torcedoras responsáveis pela orquestra musical do estádio, em que o público assiste ao jogo em pé e demonstrando constantemente apoio ao clube na forma de cânticos; d) núcleo geral (setor IV, V e VII): diz respeito ao restante dos espaços de arquibancada, em que os torcedores e torcedoras procuram assistir e comentar o jogo, posicionando-se sentados e demonstrando esporádicas manifestações exacerbadas.

Assim, foram classificados sete setores (ver figura 1) e esses divididos através de uma lógica que visa a equivalência de proporção espacial das arquibancadas ativas à torcida do Sport Club São Paulo, e também a quantidade de público que geralmente aparece nesses locais.

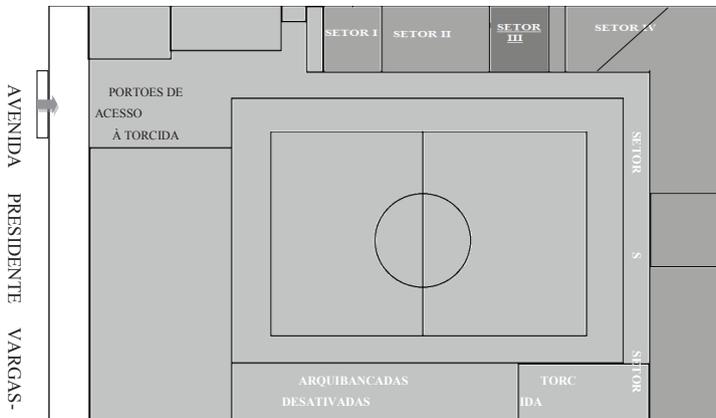


Figura 1 – Mapa do espaço interno do estádio Aldo Dapuzzo
Fonte: elaboração dos autores

Com a construção desse mapa, foi possível perceber que, quanto ao público torcedor em geral, destacam-se os do setor VI, que trata, em grande parte, de integrantes da torcida organizada "Mancha rubro-verde", que ao som de instrumentos musicais, realizam demonstrações de apoio ao São Paulo, cantando, vestindo camisas

específicas da torcida organizada e do clube, expondo faixas e bandeiras. Nesse contexto também se aglomeram torcedores/as, que não fazem parte dessa torcida organizada, mas que se manifestam em conjunto. Esses/as torcedores/as também possuem como peculiaridade a questão de passarem praticamente todo o tempo decorrente do jogo em pé, enquanto o público dos demais setores permanece sentado, levantando-se apenas em ocasiões específicas, geralmente oriundas de lances polêmicos e/ou na comemoração de gols do time do São Paulo.

Quanto às mulheres, foi possível perceber que diversas se faziam presente ao longo dos jogos no estádio, mesmo quando o número de público em geral era baixo. Algumas se destacavam, seja individualmente ou em grupos, por suas manifestações de interação com o jogo e com o clube, expostas em falas, gritos, gesticulações e vestimentas que remetiam ao clube. As mulheres se fazem presentes nas arquibancadas, próximas às grades do campo e estão espalhadas por todos os setores do estádio, ainda que em número reduzido em relação aos homens. Trata-se de um público heterogêneo com relação a faixas etárias, incluindo desde crianças até idosas. Algumas estavam com roupas e/ou adereços que remetiam ao clube, como bandeiras, chapéus, tocas, camisas, pom-pons entre outros. Elas estavam sozinhas, acompanhadas de torcedores homens, com crianças ou agrupadas com outras mulheres.

Após essas percepções, ainda havia outra etapa a cumprir: identificar mulheres 'frequentadoras' do Aldo Dapuzzo que se faziam constantemente presentes no estádio, em dias de jogos. Após observações que se caracterizaram por circulação no estádio, identificamos que as torcedoras que frequentam o setor III do estádio, independente da quantidade de público no Aldo Dapuzzo, da competição, do adversário e se o jogo era amistoso ou não, se faziam presentes em todas as partidas que investigamos, ora em número menor (quatro torcedoras), ora em número maior (doze torcedoras). Então, a partir desse contexto, essa pesquisa aconteceu com grupo de torcedoras que frequentam o setor III das arquibancadas do Aldo Dapuzzo.

SOBRE AS MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS

Conforme o andamento da pesquisa, algumas percepções foram ocorrendo através da análise do grupo de torcedoras citado. Essas mulheres, que se constituem na sua maioria por idosas, sendo também formada por representantes de meia-idade e, geralmente, uma jovem, apresentam características grupais e individuais que foram apontando questões relevantes a esse estudo. Suas peculiaridades indicam 'relações' que acontecem entre as próprias torcedoras, com o jogo, com o clube e com o futebol. Essas relações, percebidas através da convivência com as torcedoras, pelas

observações e anotações de suas falas e manifestações, elucidam suas formas de torcer e suas relações com o clube e com o futebol.

Dentre as relações que se estabelecem, foi possível constatar a questão da sociabilidade que se dá através do encontro nos dias de jogos e também quanto à troca de informações e comentários sobre os acontecimentos que se remetem ao clube e ao time do São Paulo. Algumas dessas mulheres possuem algum tipo de parentesco: mãe/filha; tia/sobrinha, enquanto outras se relacionam somente através do encontro no estádio, conforme mencionaram nas entrevistas. As torcedoras conversam constantemente sobre assuntos voltados ao clube, à competição, como demonstram as anotações do Diário de Campo I, em um jogo amistoso:

Comentam os lances do jogo. Uma delas comenta que todos são jogadores novos. [...] Mais adiante, conversam sobre o calendário diferenciado entre a série A e B do Gauchão. Elas conversam bastante, mas sem tirar os olhos do jogo. As demais prestam atenção ao jogo, falando somente sobre o que acontece na partida [...] chega mais uma torcedora que comenta sobre a camisa do São Paulo, que uma delas está vestindo, dizendo que não deu tempo de colocar a camisa, pois já saiu atrasada. A que está com a camisa diz "Ah, eu uso sempre! Sou São Paulo!", referindo que também usa no dia a dia. [...] Sai o segundo gol do São Paulo [...] A torcedora de camisa do clube e bandeira comenta que o time adversário é fraco e que tem que golear. A torcedora ao seu lado diz que o time não é fraco não. Sai em seguida o terceiro gol do São Paulo, a torcedora reforça: "to falando! Tem que golear porque é time fraco, sim!" (26/01/2012).

As torcedoras conversam, mesmo que esporadicamente, sobre algum assunto de suas vidas pessoais. Algumas se mostram pouco comunicativas, mas nem por isso deixam de estabelecer seus comentários. É comum que algumas delas guarde lugar para outra/s, que está/ão por chegar no estádio. Elas sentam e assim permanecem, levantando-se somente para esbravejar em lances polêmicos e para comemorar alguma jogada bem sucedida e os gols do São Paulo.

Mesmo que as torcedoras demonstrem, como aspecto em comum, o interesse pelo jogo, já que enquanto 'a bola rola', a atenção e os comentários são quase sempre voltados aos acontecimentos em campo, elas também apresentam suas características individuais, que ressaltam a identidade torcedora de cada uma delas. Essas características se dão principalmente através de suas vestimentas e adereços, conforme pode ser visto na seguinte figura, que trata da descrição das torcedoras, de acordo com suas ocupações nas arquibancadas do setor III, presentes nos diários de campo:

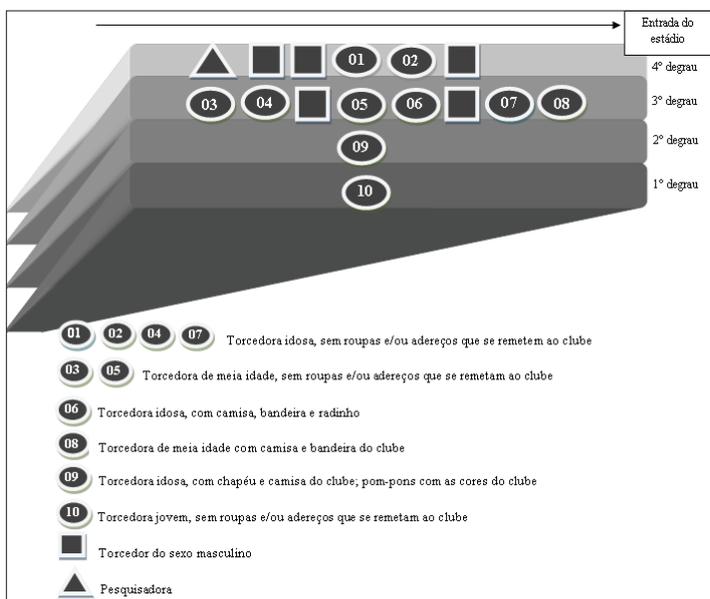


Figura 2 - Disposição das torcedoras pesquisadas na arquibancada do setor III do estádio, conforme o diário de campo IX, no jogo entre São Paulo x Brasil – Pe, em 30/05/2012:

Fonte: elaboração dos autores

Essa configuração indica que, mesmo que as torcedoras se caracterizem como um grupo por ocuparem sempre um espaço em comum do estádio, e também se relacionarem umas com as outras, elas apresentam suas peculiaridades. Assim, se algumas não demonstram a necessidade de vestir as cores do clube, há outras que tratam isso como um ritual em todos os jogos do Sport Club São Paulo, seja através do uso da camisa, da ostentação da bandeira, o uso do radinho para passar as notícias para as demais, ou do agito dos pom-pons com as cores do clube.

Além dessas percepções, quando entrevistadas algumas ressaltaram que nunca procuram vestir roupas que representem o clube para ir aos jogos. Uma das torcedoras mencionou que possui a camisa do clube, que não gosta de usar, mas gosta de ter. Já outra entrevistada, que sempre vai com a camisa aos jogos, cita que faz questão de possuir artigos do clube: “minha casa parece uma sede do São Paulo, de tanta coisa!” (TORCEDORA C).

Através dessas percepções, pode-se dizer que “o ato de torcer é individual, mas ao mesmo tempo é algo coletivo” (ECOTEN; CORSETTI, 2010, p. 10). Isso porque, por mais diferentes que essas torcedoras possam se apresentar em suas manifestações, elas estão ali, relacionando-se, reunidas naquela parcela do

estádio, em prol de seus pertencimentos clubísticos, compartilhando e nutrindo algo em comum.

Pode-se considerar que a relação que mais elucidou esse processo de investigação foi o que as torcedoras estabelecem com o jogo. É durante o espetáculo que ocorre dentro das quatro linhas de campo que elas demonstram as manifestações que provém do 'sentir da torcedora'. É através dessa conexão que elas são capazes de explorar suas emoções, já que conforme Elias e Dunning (1992), o que impulsiona o esporte é a busca pela excitação.

Olhos fixos ao jogo, elas sempre aplaudem a entrada do time em campo, reclamam muito da arbitragem, comentam os lances do jogo, ora falam mal dos jogadores do São Paulo, instantes depois já os aplaudem, ofendem constantemente os membros do time adversário. Gritam, levantam, pulam, ficam caladas (principalmente no momento dos gols dos times adversários), fazem rezas, fecham os olhos, batem palmas, vaiaem, esfregam as mãos... As manifestações são diversas e contraditórias. Tudo depende de cada instante do jogo:

Cobrança de pênalti para o São Paulo. "Ai, não quero olhar! Não quero olhar!", diz uma das torcedoras. Sai o gol do São Paulo e todas se levantam para comemorar. Aplaudem, pulam, gritam, sacodem bandeiras. Uma delas agradece a Deus pelo gol. Todas batem palmas, em coro: "Vamos, vamos São Paulo!", em interação com demais torcedores/as presentes no estádio [...] comemoram bastante um cartão amarelo para o jogador do time adversário que reclama dessa marcação para o árbitro. Então, elas xingam o time adversário e ainda gritam, em coro e com palmas: "timinho, timinho!" [...] "Tô perdendo a voz, de tanto forçar a garganta", diz uma delas. [...] "Que sofrimento! Em tudo que é jogo!", menciona outra torcedora, levando as mãos à cabeça. Todas ficam de pé, pedindo ao árbitro o fim do jogo. (DIÁRIO DE CAMPO VI, 22/ 04/2012).

Depois do final dessa partida, cujo resultado foi de 1x0 para o São Paulo, uma das torcedoras, ainda comemorando a vitória de seu time, demonstrando bastante emoção, comenta que é hipertensa e que se não tomar seu remédio, não pode ir ao jogo, pois não aguenta. Nesse contexto, foi possível constatar que essas mulheres, ao sentirem-se torcedoras, estabelecem uma relação intensa com o jogo. Essa tensão que se estabelece, provoca emoções que há tempos já são sentidas por mulheres que frequentam os espaços voltados ao futebol, no papel de espectadora, mas que nem sempre, puderam ser manifestadas tão explicitamente.

Foi possível averiguar também a relação significativa que os dias de jogos possuem para as torcedoras. Quando indagadas, em entrevista realizada em 21/06/2012, sobre a importância desses dias para sua vida, comentam sobre a ansiedade para que chegue a hora de ir para o estádio. Uma delas menciona que "é uma alegria só! Tô louca que chegue a hora para eu vir (risos)" (TORCEDORA C).

A torcedora B ainda desabafa: “enquanto eu to aqui, eu não to em casa pensando coisa ruim e que eu, que todo mundo tem problema, né? Eu tenho bastante. Não são poucos, mas eu venho pra cá e me esqueço de tudo lá fora”.

Portanto, pode-se considerar que essas mulheres se caracterizam enquanto frequentadoras do estádio Aldo Dapuzzo que exteriorizam seu sentir decorrente da identidade torcedora. Cada uma delas tem o seu modo de torcer e se caracterizar enquanto torcedora, estabelecendo relações peculiares com o jogo e também com os momentos que antecedem suas permanências no estádio, nos dias de espetáculo. Isso, como se, durante a exacerbação de suas emoções, que se concretizam nas arquibancadas do setor III do Aldo Dapuzzo, não houvesse nada que tivesse mais importância naquele momento, para além da relação estabelecida torcedora/jogo.

CONSIDERAÇÕES

Essa pesquisa, que se desenvolveu com algumas torcedoras do Estádio Aldo Dapuzzo, pertencente ao Sport Club São Paulo, na cidade do Rio Grande/RS, teve por objetivo compreender as formas de torcer de mulheres frequentadoras do Estádio Aldo Dapuzzo e identificar como se relacionam com o clube e o futebol. A investigação de campo se realizou durante 15 jogos do time profissional do Sport Club São Paulo, dentro de seu estádio, focando num grupo de torcedoras frequentes aos dias de jogos, alocadas no que a pesquisa denominou por setor III das arquibancadas, que durante esse período, foram observadas e, ao final do processo, entrevistadas.

No andamento dessa pesquisa, foi possível constatar que as torcedoras estabelecem diversas relações durante os dias de jogos. Cada uma delas possui a sua forma de torcer e produzir suas emoções, provenientes da relação intensa que estabelecem com o jogo, com o clube e com o futebol. Isso revela que, ao mesmo tempo em que o torcer se caracteriza como algo coletivo, também se trata de manifestações individuais, que se caracterizam como um processo que acontece através da interação grupal e de cada uma delas com o jogo. Mesmo que as torcedoras demonstrassem, como aspecto em comum o interesse pelo espetáculo, já que enquanto ‘a bola rola’, a atenção e os comentários eram quase sempre voltados aos acontecimentos do campo, elas também apresentam suas características individuais, que ressaltam a identidade torcedora de cada uma delas, principalmente através de suas vestimentas e gesticulações.

Nesse contexto, o engajamento emocional com o momento do jogo e com o clube é o que faz com que essas mulheres se considerem torcedoras e que, desse modo, se legitimem enquanto componente do universo futebolístico, agregando às

suas identidades o 'ser torcedora'. As torcedoras do Aldo Dapuzzo vão sozinhas ao estádio, por vezes com os membros mais jovens da família, fazem do setor III do estádio um palco de encontro entre elas, com o jogo, com a equipe de profissionais que representa o São Paulo e, sobretudo, com suas emoções protagonizadas pelo sentimento de pertencimento e pelo espetáculo que se dá nas 'quatro linhas'. Portanto, essas torcedoras estão no Aldo Dapuzzo porque gostam de futebol, nutrem sentimentos de pertencimento clubístico e fazem desse universo um aspecto relevante às suas vidas.

Notes on the Manifestations of "being a fan" of do Sport Club São Paulo

ABSTRACT: Situated in the relation between soccer and gender, this research was performed with women fans that frequent the Aldo Dapuzzo Stadium, of Sport Club São Paulo, located in the city of Rio Grande/RS. The objectives were to understand their way of supporting the team and identify the way they relate to the club and soccer. For such, we used ethnography, performing participative observations and interviews. From the data analysis we could verify that each fan has their own way of supporting and expressing their emotions, which come from the intense relation they have with the game, the club and soccer. They are in the stadium because they like soccer, they harbor feelings of belonging to the club and make it a relevant aspect of their lives.

KEYWORDS: Soccer; Women; Fans; Sport Club São Paulo

Notas sobre las manifestaciones del "ser hincha" del Sport Club San Paulo

RESUMEN: Localizada en la relación entre el fútbol y género esta investigación fue realizada con las mujeres hinchas que frecuentan el estadio Aldo Dapuzzo, del Sport Club San Paulo, situado en la ciudad de Rio Grande/RS. Los objetivos fueron comprender sus formas de hinchar e identificar como se relacionan con el club y el fútbol. Para tal, utilizamos la etnografía, siendo realizadas observaciones participantes y entrevistas. A partir del análisis de los datos fue posible constatar que cada hincha posee su forma de hinchar y exteriorizar sus emociones, provenientes de la relación intensa que poseen con el juego, con el club y con el fútbol. Ellas están en el estadio porque les gusta el fútbol, nutren sentimientos de pertenecimiento clubístico y hacen de ese universo un aspecto relevante de sus vidas.

PALABRAS CLAVES: Fútbol; mujeres; hinchas; Sport Club San Paulo.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. *Etnografía e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BANDEIRA, G. A. *“Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração”*: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

CAMPOS, P. F. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

COSTA, L. M. Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”. Identidade feminina e futebol. In: ‘USOS DO PASSADO’ XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ, 2006, Niterói. *Anais do XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ*, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006, p. 1-11.

DAMO, A. S. *Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

ECOTEN, M. C. F.; CORSETTI, B. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. In: FAZENDO GÊNERO 9, 2010, Florianópolis. *Anais do Fazendo Gênero 9*, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1-11.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GOELLNER, S. V. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. *Revista Labrys - Estudos Feministas*, Brasília n.4, ago/dez 2003.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAHNECKA, L. *O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol*. 2010. 73f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

LUCENA, R. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAZO, J. Z.; SILVA, C. F. da; LYRA, V. B. As mulheres no cenário do associativismo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas. *Licere*, Belo Horizonte, v.13, n.3, p. 1-25, set/2010.

OLIVEIRA, R. C. de. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Barcellos (orgs.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 9-24.

WACQUANT, L. J. D. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Recebido em: 7 abr. 2013
Aprovado em: 7 ago. 2013